

भगवद्गीता

Bhagavad Gītā A canção divina

Roberto de Andrade Martins

São Paulo
Shri Yoga Devi
PoloBooks
2015

AS DIVERSAS *GĪTĀS* DA TRADIÇÃO LITERÁRIA INDIANA

Por Flávia Bianchini¹

No ocidente, uma das obras indianas mais conhecidas é a *Canção Divina* – a *Bhagavad-Gītā*. Poucos, no entanto, estudam as dezenas de outras *Gītās* existentes, até mesmo no próprio *Mahābhārata*, ou pertencentes a outras grandes obras, tais como os *Purāṇas*. Existem, segundo Ratnam Nilkantan (1989), mais de uma centena de *Gītās* na literatura sânscrita, o que permite sua classificação separadamente como fazendo parte daquilo que podemos chamar de “literatura *Gītā*”.

Um grande número destas *Gītās* foi composto no primeiro milênio da era cristã, período no qual coexistiram na Índia tradições de vários tipos e em que várias correntes sectárias tomaram forma. Nessa fase, a antiga religião ritualística dos *Vedas* já havia sido praticamente abandonada, sendo substituída por cultos a divindades (*devas*) específicas, algumas inexistentes ou pouco relevantes nos *Vedas*, como *Viṣṇu*, *Gaṇeśa*, *Śiva* e a Grande Deusa (*Śakti*). Nessa fase, o ensinamento das *Upaniṣads* já é reconhecido como dotado de autoridade sagrada, e algumas correntes filosóficas, como o *Vedānta* e o

¹ A autora deste capítulo é Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sua dissertação de Mestrado trata sobre uma *Gītā* dedicada à Grande Deusa indiana – a *Devī-Gītā*.

Sāṅkhya, possuem grande influência. Surgem também neste mesmo período os primeiros textos tântricos, e todo este abundante material proveniente das mais diversas fontes, sejam elas filosóficas ou religiosas, sectárias ou não, foi utilizado na compilação dessas *Gītās*.

Por meio deste breve texto pretendemos lançar luz sobre as *Gītās* e apresentar ao leitor algumas considerações iniciais sobre esse gênero da literatura sânscrita. Não pretendemos aqui esgotar o assunto; trata-se de um texto introdutório por meio do qual traçaremos as principais características, conteúdos, questões e temas abordados nessas diversas *Gītās*.

O que nos dizem as diversas *Gītās*

A palavra *Gītā*, da raiz sânscrita *gai*, significa algo que é cantado ou recitado, como canções de louvor (Monier-Williams, 1979, p. 356). Geralmente constituem partes de grandes obras, na forma de uma canção, música ou poema sagrado, através do qual as doutrinas filosóficas e religiosas são declaradas em forma métrica por um sábio inspirado ou por uma divindade. Segundo Jan Gonda, o termo *Gītā* pode, pelo menos originalmente, ter sido aplicados a textos que não eram recitados da maneira comum, e sim cantados (Gonda, 1977, p. 271). De acordo com Umesh Chandra Bhattacharjee, ainda hoje muitos destes textos, considerados sagrados e importantes, são recitados, lidos ou mesmo cantados de um modo especial em ocasiões específicas, durante a realização de algum ritual, em dia ou cerimônia especial (Bhattacharjee, 1926, p. 538). Sendo assim, *Gītā* seria aquilo que é cantado ou entoado, ou seja, uma parte da literatura sagrada que seria cantada de um modo especial, em determinadas ocasiões ou práticas.

Geralmente as *Gītās* se apresentam como um diálogo entre um mestre humano ou sobrenatural e uma ou mais pessoas que solicitam sua instrução, como no caso da própria *Bhagavad-Gītā*. Podemos então definir que uma *Gītā* é uma canção, um poema filosófico e devocional, na forma de um diálogo entre um mestre dotado de sabedoria divina e seu aluno ou discípulos.

Além das *Gītās*, existem também os *Mahātmyas*. Ambos são textos muito similares, e a linha que separa uma *Gītā* (“canção”) de um *Mahātmya* (“engrandecimento”) é muito tênue. A principal diferença seria que em um *Mahātmya* a perspectiva é a do devoto que elogia e exalta a divindade; enquanto que em uma *Gītā*, a perspectiva é a da divindade (ou do sábio) instruindo o discípulo. Mas o oposto também acontece: aspectos devocionais de elogio de uma divindade surgem em algumas *Gītās* e instruções espirituais surgem em alguns *Mahātmyas* (Brown, 1999, p. 9; Brown, 1992, p. 180).

De um modo abrangente, as *Gītās* apresentam algumas características comuns. Cheever Mackenzie Brown afirma que, sendo um discurso típico e didático, as *Gītās* abordam os seguintes tópicos inter-relacionados:

- 1) A natureza do divino, incluindo suas formas superiores e inferiores e várias manifestações sobrenaturais (*vibhūtis*); 2) a natureza e a gênese do mundo explicadas em termos de um *Sāṅkhya* teísta; 3) a natureza do *Ātman* e da alma individual (*jīva*); 4) as funções cósmicas do Supremo: criação, proteção (especialmente manifesto na doutrina *avatāra*), e destruição; 5) os vários caminhos ou *yogas* que levam ao supremo, como *karma*, *bhakti*, *jñāna*, cada um sendo muitas vezes decomposto em diversos tipos de acordo com os *guṇas*; e 6) os ideais de *varṇāśrama-dharma*. (Brown, 1992, p. 181)

De acordo com Jan Gonda, as *Gītās* visam transmitir uma sabedoria mais ou menos esotérica, oculta, que é tecida na narrativa de fundo de um discurso entre um preceptor divino (ou grande sábio) e seu principal devoto que, estando em dúvida ou em uma situação difícil, procura por ajuda e intervenção divina (Gonda, 1977, p. 272). Tal sabedoria divina e a revelação das doutrinas vão sendo transmitidas ao longo do texto por meio de estágios sucessivos, ao longo de perguntas e respostas, num intrincado diálogo que se estabelece entre os personagens principais. Essa cena mítica acontece em muitas outras obras, sendo usual nas *Upaniṣads*, em *Purāṇas*, nos *Āgamas* tântricos, etc. Por meio destas cenas são transmitidas diversas mensagens: ensinamentos que conduzem para a libertação final (*mokṣa*) em que ocorre a revelação da mais elevada Consciência; transmissão das injunções para amar e servir uma deidade; meios diversos de adoração; repetição dos nomes divinos e outras práticas. Muitas vezes, uma das divindades hindus é apresentada como o mestre da doutrina e também é identificada como sendo a Realidade Última (*Brahman*), assim revelando seu culto e sistemas de adoração. Muitas *Gītās* falam sobre os lugares sagrados, especialmente conhecidos como lugares de peregrinação (*tīrtha*) e sobre os benefícios alcançados ao se realizar visitas a estes locais que gozam de santidade (*ibid.*, p. 276).

Embora, de um modo geral, as *Gītās* possuam um caráter didático, com claro objetivo de transmitir algum ensinamento em particular, os assuntos são os mais diversos, não possuindo uma temática fixa e comum a todas elas.

Em muitas *Gītās* existe uma relação estreita e clara com a doutrina das *Upaniṣads* sobre a unicidade de tudo em *Brahman*, com o conhecimento do Princípio Supremo

(*brahmavidyā*). Seus autores se esforçaram por mostrar que a divindade de sua escolha é idêntica a *Brahman*, adotando argumentos, ensinamentos e procedimento das *Upaniṣads* pelos quais foram influenciados, reproduzindo deste modo nas *Gītās*, citação ou paráfrase de versos das antigas *Upaniṣads*, ou mesmo algumas histórias e exemplos contidos nelas (Gonda, 1977, p. 272). Gonda aponta dois aspectos diferentes: enquanto muitas *Gītās* utilizam passagens das *Upaniṣads* para explicar o conhecimento de *Brahman* (*brahmavidyā*), outras exploram tais conceitos para propagar uma forma particular de adoração divina, dentro de um contexto sectário (*ibid.*, p. 276). Veremos adiante esta relação das *Gītās* com as *Upaniṣads*.

Gītās do Mahābhārata, dos Purāṇas e de outras fontes

Além da *Bhagavad-Gītā*, existem outras 15 *Gītās* no *Mahābhārata*, mais de 20 *Gītās* nos *Purāṇas*, e várias outras *Gītās* que são considerados textos independentes.

Uma análise das principais *Gītās* foi realizada por Jan Gonda (1977, pp. 273-277), Ratnam Nilkantan (1989), Umesh Chandra Bhattacharjee (1926) e Parameshwara Aiyar (2007). Alguns pesquisadores supõem que a *Bhagavad-Gītā* foi o protótipo utilizado para a compilação das demais canções, tendo servido de “modelo” para os autores das *Gītās* posteriores. Bhattacharjee considera que todas as *Gītās* são interpolações nos livros onde são encontradas, ou seja, que são anexos inseridos posteriormente à composição da parte principal dessas obras. Supõe que, de um modo geral, refletem o mesmo ponto de vista mental e intelectual, resultante de um mesmo período histórico e de um mesmo estágio intelectual, ou seja, que tais textos traduzem o espírito de uma época determinada (Bhattacharjee, 1926, p. 538).

As *Gītās* do *Mahābhārata* são consideradas por Bhattacharjee como sendo muito similares à *Bhagavad-Gītā* (Bhattacharjee, 1926, pp. 543-544). Um exemplo disso é a *Anu-Gītā*, que é considerada um “suplemento” da *Bhagavad-Gītā*. Trata-se de outro diálogo do *Mahābhārata* entre *Kṛṣṇa* e *Arjuna*, depois da batalha de *Kurukṣetra*, no qual *Arjuna* pede que seu mestre divino repita as principais mensagens da *Bhagavad-Gītā*. Nilkantan, por outro lado, considera que as *Gītās* do *Mahābhārata* não se assemelham à *Bhagavad-Gītā*, e que mesmo a *Anu-Gītā*, que às vezes é considerada uma simples repetição da *Bhagavad-Gītā*, difere muito em seu tratamento. Entretanto, o autor afirma que diversas *Gītās* encontradas em vários livros foram escritas depois da *Bhagavad-Gītā*, e muitas vezes reproduzem alguns de seus versos na íntegra ou colocam as mesmas ideias em uma roupagem diferente (Nilkantan, 1989, p. v).

Retomando o ponto de vista de Bhattacharjee, para este pesquisador as *Gītās* do *Mahābhārata* são do mesmo tipo da *Bhagavad-Gītā*; no entanto, embora esta canção em particular possa ser classificada como sectária e pertencente ao culto de adoração de *Bhagavān (Viṣṇu)*, as outras *Gītās* participam muito pouco do caráter sectário: embora reproduzam algumas passagens e ensinamentos fundamentais da *Bhagavad-Gītā*, elas trazem também muito dos conceitos provenientes das *Upaniṣads*, e não estão associadas a nenhuma deidade em particular, como *Gaṇeśa* ou *Śiva*. Estas canções concordam tanto com a *Bhagavad-Gītā* como com as *Upaniṣads*, na medida em que tentam ensinar a realização do objetivo mais elevado – a realização de *mokṣa* ou libertação do ciclo de renascimentos. Elas são concebidas como tentativas de resposta a algumas perguntas especiais e breves, e as respostas são dadas de modo indireto, através de uma autoridade

reconhecida, um *ṛṣi* (sábio, vidente) ou um *deva*, e através da exposição de uma anedota ou história (Bhattacharjee, 1926, p. 543). Segundo Bhattacharjee, estas *Gītās* do *Mahābhārata* não estão interessadas em propagar a adoração de nenhum deus ou deusa em particular, elas se referem mais aos ensinamentos e especulações filosóficas, popularizando-os por meio das histórias e anedotas divinas, através dos quais muitos princípios gerais da vida moral ou espiritual são transmitidos (*ibid.*, p. 544). Algumas *Gītās* realizam uma síntese eclética de doutrinas conflitantes e, assim, procuram colocar seus próprios ensinamentos em uma base mais firme. Outras tentam estabelecer um culto e torná-lo universal. No entanto, a principal preocupação, professada por todas elas, é o ensinamento acerca de *mokṣa* ou libertação, e no caso de algumas delas, a deidade principal presente no texto revela os meios para se alcançar esse fim. Estas canções pensam e falam de diferentes formas sobre o mesmo objetivo comum, a saber, os meios de levar os homens ao caminho de *mokṣa* (*ibid.*, pp. 545-546).

Como já indicamos, existem diversas *Gītās* no *Mahābhārata* e nos *Purāṇas*, e várias outras *Gītās* que são considerados textos independentes. Vamos analisar as principais características destes grupos de textos, apontando principalmente os aspectos que mostram as diferenças existentes entre estes três grupos.

No *Mahābhārata* há 15 outras *Gītās*, a saber (Bhattacharjee, 1926, p. 537; Aiyar, 2007, p. 204):

- *Anu-Gītā*
- *Bodhya-Gītā*
- *Brahma-Gītā*
- *Brāhmaṇa-Gītā*
- *Haṃsa-Gītā*
- *Hārīta-Gītā*

- *Mañki-Gītā*
- *Parāśara-Gītā*
- *Rṣabha-Gītā*
- *Ṣaḍja-Gītā*
- *Śampāka-Gītā*
- *Uthatya-Gītā*
- *Vāmadeva-Gītā*
- *Vicakhnu-Gītā*
- *Vṛtra-Gītā*

As denominações *Īśvara-Gītā*, *Hari-Gītā* e *Vyāsa-Gītā* aparecem em outros contextos como formas de se referir à *Bhagavad-Gītā*, embora também existam as *Gītās* com estes nomes.

Muitas *Gītās* do *Mahābhārata* não chamam a si mesmas de *Gītā*; algumas utilizam no título *ākhyāna*², *upākhyāna*³ ou *saṃvāda*⁴, outras a princípio não possuíam a palavra *Gītā* como título, embora a palavra apareça internamente no texto dentro de algum capítulo, o que levou Nilkantan a concluir que durante o tempo de composição das primeiras canções do *Mahābhārata*, ainda não havia critérios definidos acerca desta classe de composição de textos (Nilkantan, 1989, pp. 21-22).

Nos *Purāṇas* podemos encontrar uma extensa lista de outras *Gītās* (Bhattacharjee, 1926, p. 537; Aiyar, 2007, p. 204):

² *Ākhyāna* é uma palavra que significa comunicação de um evento anterior (em um drama), um conto, história ou lenda (Monier-Williams, 1979, p. 129).

³ *Upākhyāna*, palavra que significa relação, repetição de um evento, um conto subordinado ou uma história, um episódio (Monier-Williams, 1979, p. 212).

⁴ *Saṃvāda* palavra que significa uma conversa, diálogo, “falar juntos” (Monier-Williams, 1979, p. 1114).

- *Avadhūta-Gītā* e *Kapila-Gītā* no *Srimad-Bhāgavata-Purāṇa*
- *Brahma-Gītā* e *Sūta-Gītā* no *Skanda-Purāṇa*
- *Devī-Gītā* no *Devī-Bhāgavata-Purāṇa*
- *Gaṇeśa-Gītā* no *Gaṇeśa-Purāṇa*
- *Haṃsa-Gītā* e *Bhikṣu-Gītā* no *Bhāgavata-Purāṇa*
- *Īśvara-Gītā* e *Vyāsa-Gītā* no *Kūrma-Purāṇa*
- *Kapila-Gītā* no *Padma-Purāṇa*
- *Pitṛ-Gītā*, *Agastya-Gītā* e *Rudra-Gītā* no *Vahāra-Purāṇa*
- *Yama-Gītā* no *Agni-Purāṇa*
- *Yama-Gītā* no *Nṛsimha-Purāṇa*
- *Yama-Gītā* no *Viṣṇu-Purāṇa*

Dentre as *Gītās* dos *Purāṇas*, a *Yama-Gītā* do *Viṣṇu-Purāṇa* é considerada a mais antiga (Nilkantan, 1989, p. 13).

Existem *Gītās* citadas por diversos autores que não foram localizadas por Bhattacharjee nos *Purāṇas* e no *Mahābhārata*, tais como: duas *Rāma-Gītās*, *Aṣṭāvakra-Gītā*, *Śiva-Gītā*, duas *Avadhūta-Gītās*, *Pāṇḍava-Gītā*, *Sūrya-Gītā*, e duas outras *Uttara-Gītā* e *Vāsiṣṭha-Gītā* (Bhattacharjee, 1926, p. 537).

A *Śiva-Gītā* é comumente associada ao *Padma-Purāṇa*. Esta canção existe, mas não é encontrada dentro do *Purāṇa* em questão. O seu conteúdo e os personagens presentes no texto são os mesmo contidos no texto desse *Purāṇa*, e em função disso é dito ser parte do *Padma-Purāṇa* (Nilkantan, 1989, p. 17).

Alguns destes textos são considerados independentes, não estando associados aos *Purāṇas* – como, por exemplo, a *Brahma-Gītā* do *Yoga-vāsiṣṭha*, a *Aṣṭāvakra-Gītā* e a *Avadhūta-Gītā*.

No título de todas essas obras, antes da palavra *Gītā* geralmente encontramos um nome de um sábio ou de uma divindade. Esta primeira palavra nos diz muito sobre a obra, pois nos indica que o texto foi cantado ou revelado como uma mensagem divina pelo sábio ou pela divindade cujo nome constitui a primeira parte do nome da canção. Quando se trata do nome de uma divindade, trata-se de um texto de tipo sectário. Há raras exceções em que essa associação não se confirma, como por exemplo, *Pāṇḍava-Gītā*, que fala sobre o culto de *Kṛṣṇa*, e a *Haṃsa-Gītā* texto no qual o interlocutor principal é *Prajāpati*, considerado o transmissor das verdades divinas desta canção (Bhattacharjee, 1926, pp. 540, 543).

A *Devī-Gītā* do *Devī-Bhāgavata-Purāṇa* faz parte de um conjunto de *Śākta-Gītās*, ou seja, *Gītās* em que a divindade principal é a Grande Deusa indiana (*Śakti*), que não estão presentes na listagem de *Gītās* realizadas por Nilkantan, Bhattacharjee e Aiyar (Bianchini, 2013). Embora tal *Gītā* seja devedora das anteriores na medida em que aborda temas semelhantes, ela se diferencia deles pois retoma sua configuração mítica, enfatiza a manifestação graciosa da Deusa, abordando temas em torno de seu nascimento nas famílias de *Dakṣa* e de *Himālaya*, na forma *Gaurī* ou *Pārvatī*. Os dois outros *Śākta-Gītās* mais relevantes são o *Kūrma-Devī-Gītā*, que faz parte do *Kūrma-Purāṇa* e que é mais conhecido como *Devī-Māhātmya*; e o *Pārvatī-Gītā*, do *Mahābhāgavata-Purāṇa*. O *Devī-Māhātmya* ou *Kūrma-Devī-Gītā* é constituído pelos capítulos 11, 12 e 13, livro I, do *Kūrma-Purāṇa* (Tagare, 1981, pp. 84-126).

Nilkantan, Bhattacharjee e Aiyar desenvolvem excelentes estudos acerca das diferentes características existentes entre as *Gītās* provenientes do *Mahābhārata* e as *Gītās* dos *Purāṇas*, apontando para as principais caracte-

rísticas e diferenças existentes entre elas. De acordo com Parameshwara Aiyar (2007, pp. 207-211), nas *Gītās* provenientes do *Mahābhārata* predominam assuntos relacionados com os seguintes temas: a Realidade Última (*Brahman*); o despertar da *buddhi*; treinamento espiritual na relação *guru-discípulo* (*śiṣya*); conduta dos reis e observância e práticas do dever (*dharma*); sobre a destruição dos sete inimigos espirituais *kāma*, *krodha*, *lobha*, *moha*, *mada*, *mātsarya*, *ahankāra* (desejo, raiva, ganância, ilusão ou apego, orgulho, ciúme ou inveja, egoísmo); conduta a ser seguida pelos renunciantes (*saṃnyāsins*); os deveres ou *dharma*s a serem seguidos pelas distintas castas e durante as várias fases de vida (*varṇas* e *āśramas*); a prática do *dharma* para se alcançar *mokṣa*; os meios para o desenvolvimento de auto-controle, equilíbrio, veracidade, e elevada sabedoria que levam à Realidade Última; conhecimento acerca do espírito individual ou *jīva*; e dos poderes naturais (*guṇas*). Estes são apenas alguns entre outros tantos ensinamentos e métodos que são encontrados nestas *Gītās*.

Nas *Gītās* provenientes dos *Purāṇas* (Aiyar, 2007, pp. 212-217) encontramos uma expansão de conhecimentos sectários, a presença de conceitos e práticas proveniente do *Tantra* em associação com elementos dos sistemas *Sāṅkhya* e *Vedānta*, como por exemplo, ensinamentos acerca dos *cakras* ou centros energéticos (*Rāma-Gītā*); associação da concepção de *Īśvara* (divindade soberana) ao sistema *Sāṅkhya* que não aceita um deus (*Kapila-Gītā*); e técnicas tanto provenientes das *Upaniṣads* como do *Tantra* para se alcançar a Realidade Última (*Devī-Gītā*), apenas para citar alguns exemplos.

Nilkantan (1989, pp. 147-196) analisa pontualmente os diversos temas tratados nas várias *Gītās*, e revela uma ampla temática presente nestas canções, tais como: as

quatro metas da vida humana (*puruṣārthas*), ética e moral, renúncia, *yoga*, diferentes tipos de adoração, conhecimento, *vratas* (votos), os membros (*aṅgas*) do *yoga*, *samādhi*, emancipação espiritual.

As *Gītās* e as *Upaniṣads*

Nas *Gītās* dos *Purāṇas*, os diversos temas associados ao contexto sectário são largamente explorados e aprofundados. Nestes encontramos as várias deidades tidas como a Realidade Última, e aqui são transmitidos uma grande diversidade de ensinamentos místicos, lugares de adoração, práticas de *Yoga*, técnicas tântricas, etc. Nestas canções aparecem diversos conceitos do *Advaita Vedānta* (uma filosofia não-dualista), do *Viśiṣṭādvaita Vedānta* (uma filosofia monista qualificada), do *Sāṅkhya* e do *Tantra*, e há uma reprodução de versos (*ślokas*) de várias *Upaniṣads*.

A concepção de Unidade e Realidade Última (*Brahman*) é um aspecto fundamental da filosofia das *Upaniṣads* e do *Vedānta*. *Brahman* não é uma divindade, é uma realidade absoluta que está além de todas as divindades. A libertação espiritual (*mokṣa*) leva a pessoa a escapar do ciclo de renascimentos e também a se unir a *Brahman*. Não existem preces dirigidas a *Brahman*, nenhum tipo de culto, nenhum tipo de iconografia, pois esse Absoluto está além de todas as formas e qualidades. Porém, dedicar-se à união com *Brahman* pode parecer, para muitas pessoas, algo extremamente abstrato, difícil e inconcebível. Por isso, nas *Upaniṣads* já aparece a ideia complementar de uma divindade personificada, o/a governante (*Īśvara* ou *Īśvarī*), que é uma manifestação de *Brahman* dotada de qualidades e que serve como intermediário na busca espiritual.

Essa mesma ideia está presente na literatura das *Gītās* sectárias, pois cada uma delas associa uma divindade especial (*deva*) como sendo a divindade suprema (*Īśvara*) e uma manifestação de *Brahman*. Assim encontramos, na *Gaṇeśa-Gītā*, que *Gaṇeśa* é identificado com *Brahman*; na *Devī-Gītā*, é a Deusa (*Devī*); na *Śiva Gītā*, é *Śiva*; e assim por diante (Bhattacharjee, 1926, p. 540).

Bhattacharjee considera que as *Upaniṣads* passaram por um processo de desenvolvimento até chegar a uma concepção filosófica definida acerca da Realidade Última – *Brahman*, e que nas *Gītās* pode-se ver esse mesmo processo. Neste sentido, ele classifica estas etapas do seguinte modo (Bhattacharjee, 1926, pp. 541-543):

1) A grande quantidade e variedade de divindades (*devas*) dos *Vedas* foi absorvida no conceito de *Brahman* – uma transformação que é observável também nas *Gītās*;

2) Todo o universo passa a ser concebido como sendo criado a partir de *Brahman*, que é a fonte e origem de tudo; o universo inteiro está nele. Segundo as *Upaniṣads* pode-se alcançar a vivência desta Realidade, principalmente por métodos especulativos;

3) Tanto as *Upaniṣads* como as *Gītās* declaram a grande verdade de *Brahman*, e sugerem certas práticas de *Yoga* – disciplinas físicas e espirituais – para se alcançar essa Realidade. No caso das *Gītās* sectárias, certas práticas consistem em realizar a adoração da deidade em questão, peregrinação a lugares sagrados, entre outras disciplinas e votos espirituais (*vratas*).

A maioria das *Gītās* cita as *Upaniṣads*. Às vezes as citações são diretas e literais, outras vezes são paráfrases de passagens localizadas nos textos de algumas *Upaniṣads*. A *Bhagavad-Gītā* cita metáforas da *Kaṭha-Upaniṣad* e de diversos outros textos. A *Devī-Gītā* cita

diretamente a *Devī-Upaniṣad*, *ślokas* da *Muṇḍaka* e da *Kaṭha-Upaniṣad*, bem como a meditação sobre a *mahāvākya* (frase grandiosa) “*tat tvam asi*” da *Taittirīya-Upaniṣad*. A *Rāma-Gītā* também se refere ao “*tat tvam asi*” da *Taittirīya-Upaniṣad*; e para finalizarmos com os exemplos, temos a *Brahma-Gītā* que, ao tentar revelar a superioridade de *Śiva*, apresenta o surgimento dessa divindade, sob uma forma que é similar ao aparecimento da forma celestial da deusa *Haimavatī* ou *Umā* como *Brahman* na *Kena-Upaniṣad*. Muitas outras *Gītās* também utilizam a interpretação do surgimento de uma deidade em particular como sendo *Brahman* em diferentes roupagens. Outro exemplo: a célebre meditação sobre *Brahman* na cavidade do coração, chamada de *daharopāsanā* (adoração no pequeno espaço), presente na *Chāndogya-Upaniṣad*, também aparece na *Brahma-Gītā* (Bhattacharjee, 1926, pp. 766-767).

Segundo Bhattacharjee, na análise de várias *Gītās* verifica-se que uma série destas canções explora as concepções das *Upaniṣads* para os seus fins sectários; que a maneira pela qual as *Gītās* sectárias empregam seus conceitos filosóficos e práticas espirituais demonstra que tais conceitos eram bem conhecidos e talvez até mesmo populares; mas que a continuidade ao longo da história, da existência e recrudescimento das diferentes seitas, mostra que a religião de *Brahmavidyā* era muito abstrata para a mente popular, que ainda tinha a necessidade de cultuar deuses e deusas; e que embora algumas *Gītās* tenham sido concebidas para popularizar a concepção de *Brahman* das *Upaniṣads*, outras, no entanto, foram concebidas para promover a adoração de uma deidade em particular por meios de conceitos extraídos das *Upaniṣads* (Bhattacharjee, 1926, p. 770-701).

Considerações finais

Neste breve texto apresentamos de modo sucinto algumas informações acerca da grande diversidade de *Gītās* existentes na literatura indiana. A intenção foi, acima de tudo, chamar atenção para a existência de tais obras, textos estes que possuem ensinamentos preciosos para aqueles que se interessam pelos métodos espirituais das diversas tradições indianas.

A *Aṣṭāvakra* e a *Avadhutā-Gītā*, por exemplo, são textos valiosos com informações afins ao pensamento filosófico do *Vedānta* que tratam sobre a libertação do *samsāra* (como alcançar *mokṣa*), a doutrina da negação do conhecimento ilusório (*neti-neti-ādeśa*) e a experiência extática relativa à Realidade Última (Aiyar, 2007, pp. 218-219). No entanto, estas são *Gītās* praticamente desconhecidas do grande público.

Esperamos que este texto os inspire na leitura da presente tradução da *Bhagavad-Gītā*, por Roberto de Andrade Martins, e na busca do conhecimento espiritual e filosófico disponível em outras *Gītās*.

Fontes citadas neste capítulo

AIYAR, Parameshwara. Imitations of the *Bhagavad-Gītā* and later *Gītā* literature. Pp. 204-219, in: RADHA-KRISHNAN, Sarvepalli (ed.). *Cultural heritage of India. Volume 2: Itihāsas, Purāṇas, Dharma and other śāstras*. Calcutta: The Ramakrishna Mission – Institute of Culture, 2007.

BHATTACHARJEE, Umesh Chandra. The *Gītā* literature and its relation with *Brahma Vidyā*. *Indian Historical Quarterly*, 2: 537-771, 1926.

BIANCHINI, Flávia. *O estudo da religião da Grande Deusa nas escrituras indianas e o canto I do Devī Gītā* (Dissertação de Mestrado em Ciências das Reli-

- giões). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.
- BROWN, Cheever Mackenzie. *The triumph of the Goddess: the canonical models and theological visions of the Devi-Bhagavata Purana*. New Delhi: Sri Satguru Publications, 1992.
- BROWN, Cheever Mackenzie. *The Devī Gītā. The Song of the Goddess: a translation, annotation, and commentary*. Delhi: Indian Books Centre, 1999.
- GONDA, Jan. *History of Indian literature. Vol. 2, Part. 1: Medieval religious literature in Sanskrit*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1977.
- MONIER-WILLIAMS, Monier. *Sanskrit-English dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1979.
- NILKANTAN, Ratnam. *Gītās in the Mahābhārata and the Purāṇas*. Delhi: Nag Publishers, 1989.
- TAGARE, Ganesh Vasudeo. *The Kūrma-Purāṇa*. Delhi: Motilal Barnarsidass, 1981. 2 vols.